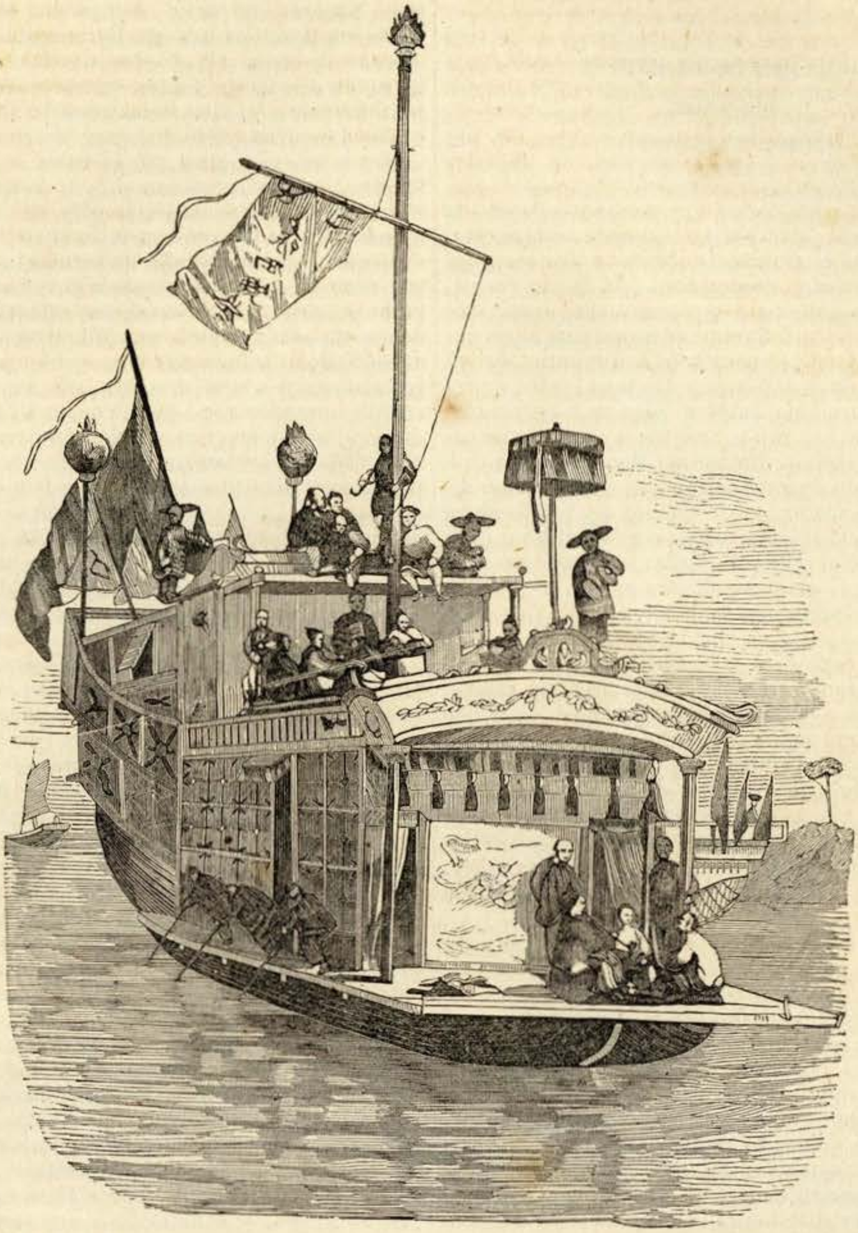


Barco mandarim. — Gravura de Coelho Junior.

EMBARCAÇÕES CHINEZAS.

BARCO MANDARIM.

O barco mandarim é o primor da architectura naval na China, e talvez, pela elegancia ao menos, não foi ainda excedido em outro paiz. De longe, sobre a agua, similha um brilhante e alado insecto, quando o sol reflecte as douraduras e as vivas côres envernizadas das madeiras e dos arrendados que formam o seu todo.

N'estas embarcações, destinadas a vigiar os rios, ou fazer a policia d'elles, vêem-se de ordinario os indolentes marinheiros acocorados no convez, e o proprio mandarim ou commandante, vestido de seda, e estendido sobre uma esteira na alta popa, aspirando com delicia o fumo do tabaco. No rio perseguem ou fingem perseguir os contrabandistas, e ao menor pretexto, e mesmo sem elle, fazem impor multas, praticam apprehensões, ordenam bastonadas, executando, em fim, vexações de toda a especie n'essa immensa e movel população fluvial, que dizem orçar por 300.000 almas, e que fórma como um grande bairro da cidade de Cantão, que conta para mais de um milhão d'ellas.

Similhantes na fórma a estes barcos são os chamados *pótões* ou *barcos de flores*, segundo a expressão chineza, que aos centenares formam no rio longas ruas de verdadeiros lupanares, onde as mulheres, o jogo e as bebidas attrahem, com todas as seducções do luxo e esplendor d'aquellas casas fluctuantes, aos naturaes e forasteiros d'aquelle emporio commercial. De noite é que os *pótões* scintillantes de luzes, que reflectem mil côres através dos vidros pintados das lanternas, de formas caprichosas e phantasticas, e animados pelos sons de instrumentos e cantares, produzem magico effeito no viajante euro-

peu. Mas ai d'elle, se se atreve a penetrar n'aquellas mansões, onde o não toleram o ciume e o odio dos chins. *C.*

VIDA DE LORD BYRON

POR MOORE.

(Estudo critico por Macaulay).

III.

Durante os vinte annos que mediaram depois da morte de Cowper a revolução na poesia ingleza estava plenamente consummada. Nenhum dos escriptores d'este periodo, nem mesmo sir Walter Scott, contribuiram tanto para este resultado, como lord Byron. Todavia, lord Byron contribuiu para elle, contra a sua vontade, accusando-se a si proprio, envergonhando-se da sua posição. Os seus gostos e predilecções levaram-no antes a ligar-se á eschola de poesia que ia expirando, contra a eschola que começava a despontar. Do mesmo Pope elle falla com uma admiração extravagante: e se nunca ousou directamente declarar que o pigmeo de Twickenham era maior poeta do que Shakspeare ou Milton, dava a entender com soffrivel clareza, que assim o pensava. Dos seus contemporaneos apenas algum lhe merecia tanta admiração como mr. Gifford, que, considerado como poeta, confundia-se exactamente com Pope, sem o espirito e gosto que este possuia, e cujas satyras eram certamente inferiores em vigor e em dicacidade, ás composições muito imperfeitas que o proprio Byron publicou nos seus primeiros annos. Elle agora e então apreciava mr. Wordsworth e mr. Coleridge porém de um modo desagradavel e pouco cordial. Quando os atacou, empenhou toda a sua alma na obra. A um dos poemas mais bem acabados de Wordsworth não teve outra cousa para dizer, senão que o achava tosco, frouxo, e que não gostava d'elle.

Peter Bell excitava a tal ponto o seu dissabor, que elle invocava as sombras de Pope e Dryden, e perguntava-lhes, se era possivel que taes miserias podessem salvar-se do desprêzo? No intimo do seu coração considerou o poema «Pilgrimage of Harold» inferior á sua «Imitação da Arte Poetica de Horacio» pallido reflexo de Pope e Johnson. Esta composição insipida era frequentemente designada por elle para ser publicada, e a publicação foi demorada, graças ás instancias dos meus amigos. Elle abertamente se declarara a favor das unidades, as leis mais absurdas que nunca se inventaram para comprimir os vôos do genio. Em uma das suas obras, parece-nos que na carta a mr. Bowles, Byron compara a poesia do XVIII seculo ao Parthenon, e a do XIX a uma mesquita turca, e ufana-se de que embora tenha concorrido com os seus contemporaneos para edificar o seu grotesco e barbaro monumento, nunca se reuniu a elles para destruir as reliquias de uma architectura mais graciosa e mais casta. N'outra carta compara a mudança que recentemente se operára na poesia ingleza, á decadencia da poesia latina depois da epocha de Augusto. No tempo de Pope estava Horacio comnosco: agora está Claudiano

Byron não sentia veneração enthusiastica pelos antigos grandes mestres da arte. Na sua carta a mr. Bowles serve-se de expressões que claramente manifestam que preferia a Illiada de Pope ao original, Mr. Moore confessa que o seu amigo não era um admirador muito fervente de Shakspeare.

De todos os poetas de primeira ordem foram Dante e Milton que Byron mais admirou: e todavia no quarto canto de Child Harold colloca Tasso, escriptor, não somente inferior a elles, mas que é um engenho de uma mui differente esphera, no mesmo pé de egualdade. Mr. Hunt parece-nos, portanto, completamente exacto quando affirma que lord Byron tinha Spencer em pouca ou nenhuma valia.

Porém Byron critico ou Byron poeta eram dois homens diversos. Os effeitos da theoria do nobre escripter não foram muitas vezes realisados por elle praticamente. As suas tendencias levaram-no a accommodar-se ao gosto litterario da epocha em que vivia; e os seus dotes intellectuaes o habilitariam sempre a conformar-se com o gosto de qualquer epocha. Apesar das suas declarações de desprezo pela humanidade, e de alardear a indifferença com que supportava as vicissitudes da fortuna e da gloria, a sua carreira litteraria em nada justifica aquelle orgulho solitario e ante-social que ostentava. Não podêmos suppôr que elle, como Milton ou Wordsworth, affrontando a critica dos seus contemporaneos, arrostando com o seu desprezo, se empenhasse em compor um poema, na plena convicção de que havia de ser impopular, mas na plena convicção tambem de que havia de ser immortal. Byron diz algures, pela bocca d'um dos seus heroes, fallando da grandeza politica, «que é preciso curvar-se para depois dominar» e apresenta isto como razão para não entrar na vida politica. Byron parecia ignorar que o poder que exerceu na litteratura fôra adquerido pela subserviencia, pelo sacrificio do seu gosto ao gosto do publico.

Byron era evidentemente a creatura da sua epocha, e sel-o-hia sempre, qualquer que fosse a quadra em que apparecesse. No tempo de Carlos I vel-o-hiamos mais affectado do que Donne: no de Carlos II, era de esperar que as extravagancias dos seus dramas reunidos levassem a palma aos de Baies, ou Bilboa. No reinado de Jorge I a monotona doçura da sua versificação, o limado e castigado da sua phrase causariam inveja ao proprio Pope.

Byron, para os que o souberem devidamente comprehender, era o homem dos ultimos treze annos do seculo XVIII, e o homem dos primeiros vinte e tres annos do seculo XIX. Estava effectivamente hesitante entre a velha e a nova eschola de poesia. As suas predilecções pessoaes aproximavam-no da primeira: o desejo insaciavel de louvor, da ultima: mas os seus superiores talentos convinham a ambas egualmente. A sua reputação era, por assim dizer um terreno neutro, onde os fanaticos, de ambos, os partidos, Gifford, por exemplo, e Shelley, poderiam encontrar-se. Byron não representava qualquer dos partidos litterarios isoladamente: representava-os a ambos ao mesmo tempo, o conflicto em que andavam envolvidos, e a victoria pela qual a lucta a final se havia terminado. A sua poesia preenche e define todo o vasto intervallo em que a litteratura se moveu desde o tempo de Johnson. N'uma das extremidades toca com o «Ensaio sobre o homem» e na outra com a «Excursion.»

Ha muitas situações analogas a esta na historia litteraria. Voltaire, por exemplo, é o élo que liga a França de Luiz XIV, e a França de Luiz XVI: Racine e Boileau de uma parte; Condorcet e Beaumarchais de outra. Voltaire, exactamente como Byron, collocou-se á frente de uma revolução intellectual, temendo-a sempre murmurando contra ella, rindo-se malignamente dos seus desvarios preferindo todavia mover a sua epocha para diante, fosse qual fosse a direcção, do que ser deixado atraz e esquecido. Dryden foi o élo que liga a litteratura do tempo de Jaime I á litteratura do tempo da rainha Anna. Oromasdes e Arimanes combatiam com elle. Arimanes impellia-o ávante. Porém o seu coração inclinou-se por ultimo a Oromasdes.

Lord Byron era, do mesmo modo, o mediatario

entre duas gerações, entre duas seitas poeticas rivaes. Apesar de tratar sempre mr. Wordsworth com desdem, tornára-se comtudo, ainda que muitas vezes inscientemente, o interprete de mr. Wordsworth para com as turbas. Nas Balladas lyricas, e na Excursion, mr. Wordsworth apresentava-se como o summo sacerdote de um culto cujo idolo era a natureza. Nenhuns poemas mostraram ainda uma mais delicada percepção da belleza do mundo externo, e um mais reverente amor áquella belleza; e todavia não foram populares, e não é provavel que elles nunca o possam ser, como é, por exemplo, a poesia de sir Walter Scott. O sentimento que os inspira é demasiamente profundo para adquirir uma sympathia geral. O seu estylo é frequentemente mui mysterioso para ser entendido pelos espiritos vulgares.

Estes poemas produziram uma turba de discipulos extravagantes, e grande numero de motejadores. Lord Byron denominou a eschola que d'elles nasceu «uma eschola exotica de lakistas» e todos os leitores de versos, não digo só em Inglaterra, mas em toda a Europa, acceitaram humildemente este juizo. O que mr. Wordsworth diz, como um homem entregue ás suas meditações solitarias, Byron repete-o como homem do mundo, com sentimento menos profundo, mas com maior concisão e viveza. Convidâmos os leitores, que duvidarem da exactidão d'estas nossas observações, a ler os dois ultimos cantos de «Chil-Harold» e o «Manfredo.»

Lord Byron, como tambem mr. Wordsworth; não possuia talento dramatico. Era o contrario de um grande dramaturgo, a sua verdadeira antithese. Todos os caracteres por elle concebidos, Harold contemplando o horisonte, do qual o seu paiz e o sol vão juntamente desapparecendo: o Giaour, premanecendo escondido na obcuridade triste de uma das abobedas lateraes do templo, e lançando pela abertura do seu longo capuz um olhar vago e desprezador sobre o crucifixo, e o incenso que sobe aos ares; Conrado encostado á sua espada na torre de vigia; Lara sorrindo-se amargamente perante os tumultuosos dançadores; Alp fitando com um olhar desvairado a nuvem fatal que corre por diante da lua; Manfredo divagando por entre os precipicios de Berne; Azzo na sua cadeira de juiz; Ugo no seu banco de reo; Zambro attentando furibundo na sesta de sua filha com D. Juan; Caim apresentando a Deus sua inacceitavel offerta; são os mesmos na essencia, e a differença que ha entre elles existe sómente nas circunstancias exteriores. Quando Byron tenta representar homens de diversa indole, torna-os sempre, ou insipidos, ou pouco naturaes. Selim não vale nada: Bonnivast o mesmo. D. Juan nos primeiros e melhores cantos, é uma frouxa cópia do Pagem no «Mariage de Figaro.» Johnson, o personagem que D. Juan encontra no mercado dos escravos, é de uma incrivel imperfeição. Quão differentemente Walter Scott nos teria desenhado um alentado e intrepido inglez, em situação identica!

Sardanapalo é o personagem mais toscamente desenhado de que temos noticia; o seu heroismo e a sua effeminação, o desprezo que mostra pela morte, e o horror que ao mesmo tempo manifesta por ter de sustentar o peso de um capacete, a anxiedade com que pede um espelho para parecer bem, são qualidades postas em contraste, com a agudeza, que se admira em Juvenal. E crêmos mesmo que o pensamento que produziu este caracter, é do proprio Juvenal, quando diz de Othon:

«Speculum civilis sarcina belli.
Nimirum summi ducis est occidere Galbam
Et curare cutem summi constantia civis,
Bedriaci in campo spolium affectare Palati,
Et pressum in faciem digitis extendere panem»

São versos excellentes n'uma satyra. Porém o mister do dramaturgo não é desenvolver caracteres n'este subtil systema de antithese. Não é assim que Shakspeare transformou o principe Hal de libertino de Eastcheap no heroe de Shrewsbury, e o reduz depois á situação de libertino de Eastcheap. Não é assim que Shakspeare nos descreve em Antonio o mixto de effeminação, e de valor que o distinguiam. Um dramaturgo não póde commetter maior delicto litterario do que o de imitar o exemplo dos satyricos e historiadores n'estas caprichosas descripções. E desprezando o que é natural que os satyricos e historiadores fabricam estes caracteres que maravilham. O seu principal intuito é geralmente descrever cada homem com o maior numero de qualidades contradictorias, e é intuito que facilmente se consegue. Por uma escolha judiciosa e por uma exaggeração tambem judiciosa, a intelligencia e a disposição de cada creatura humana podem ser constituidas de nenhuma outra cousa além de assombrosos contrastes. Se o dramaturgo consegue crear um ente que corresponda a cada uma d'estas condições, erra, porque se refere a um processo analytico imperfeito. Produz, não um homem, mas um epigramma personificado. Muitos escriptores eminentes tem commettido este erro. Ben Jonson deu-nos Hermogenes, tomado dos chistosos versos de Horacio; porém aquella frivola inconsistencia, que nos diverte tanto na satyra, apparece pouco natural, e desagrada-nos no drama. Sir Walter Scott incorreu em falta mais decisiva, e do mesmo genero na novella de Peveril. Admirando, como todo o leitor esclarecido deve admirar, os vigorosos e acerados versos com que Dryden satyrisa o duque de Buckingham, sir Walter conseguiu apresentar-nos, imitando-os, um duque de Buckingham, como um verdadeiro e vivo Zimri; e creou, não um homem, mas um monstro grotesco. Um escriptor que introduzisse n'um drama ou n'uma novella um Whacton como o Whacton de Pope, ou um lord Hervey como o de Sporus, erraria do mesmo modo.

Voltando porém a Byron: as mulheres, como os homens que creou, são todas da mesma raça. Haidée é uma Julia meia-selvagem e acriançada: Julia é uma Haidée civilisada e já mulher: Leila é uma Zuleika casada; Zuleika uma Leila donzella. Gulnare e Medora parecem ter sido concebidos com uma intenção dé antagonismo. Comtudo a differença é meramente da situação. Uma leve mudança de circunstancias teria levado Gulnare a sobraçar o alaúde de Medora, e armado Medora com o punhal de Gulnare.

(Continúa).

L. de M.

CAMINHO DE FERRO DE LESTE.

A paginas 265 este semanario já démos uma estampa do córte de Xabregas, e como promettemos então voltar a este assumpto, hoje o fazemos.

Os trabalhos n'este córte, ou trincheira n.º 1 do caminho de ferro de léste, começaram em 7 de novembro de 1853. A medida vertical na maior altura foi de 43 metros, e de 738 a longitudinal na maior largura. Ainda não estava terminada a regularisação das rampas, quando succedeu o primeiro desabamento de terreno da parte do norte, a pequena distancia do ponto em que começa o córte: foi ás quatro horas da manhã de 18 d'abril de 1856, e deixou inteiramente obstruida a via-ferrea, já então assente. O volume de terra que se moveu calculou-se de 12 a 14:000 metros cubicos.

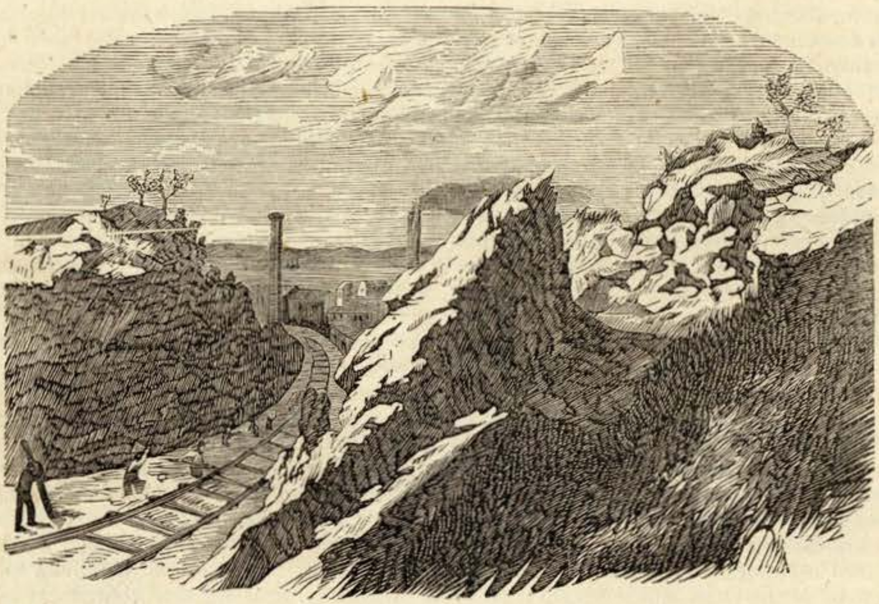
Os desenhos que agora apresentâmos são os da

perspectiva da trincheira, logo depois do referido desabamento. O primeiro é tirado do mesmo ponto de vista da estampa de paginas 265, e se lhe applicam todas as explicações alli dadas. O segundo é de posição inversa, isto é, olhando de sobre a ponte de Xabregas (veja-se a paginas 33 a estampa d'esta construcção) para o nordeste, enfiando todo o córte.

Tratou-se logo activamente da remoção das terra caídas, mas continuaram tambem outros successivos desabamentos mais ou menos volumosos, e pelas seis horas da manhã de quatro d'agosto do mesmo anno 1856, houve um maior que medira quasi 5:000 metros cubicos, porém não obstruiu completamente o caminho. Desde então não tem n'este ponto cessado os trabalhos d'extracção dos terrenos e da consolidação das rampas, merecendo sempre tal serviço a maior attenção ao respectivo administrador das obras do caminho de ferro, o benemerito empregado Augusto Cesar d'Almeida, que é ao mesmo tempo chefe da exploração do dito caminho. O solo é argiloso, e tão tendente a destacar-se, que ainda a 18 de novembro ultimo, ás duas horas da manhã, houve terceiro desabamento, calculado em 10 a 12:000 metros cubicos, que felizmente não chegou a impedir o caminho, porque achou praça bastante por onde se espalhasse, já feita pela extracção das terras.

O volume removido por effeito de todas estas deslocações eleva-se a 120:000 metros cubicos. A maior parte da terra foi aproveitada para o entulhamento do rio e para o aterro em seguida á ponte de Sacavem, da qual daremos a estampa e trataremos n'outra occasião.

A qualidade e disposição de terreno em que foi aberta a trincheira de Xabregas é tal, que ainda se receiam mais quédas, parecendo difficil conseguir-se a completa consolidação das rampas. É por isso esta parte da linha uma das que exige, e em que ha maior cuidado e vigilancia. Na verdade, muito tempo



Desabamento das rampas do córte de Xabregas, visto do nascente.

e dinheiro se tem consumido n'esta trincheira, que se poderia talvez ter poupado, se os engenheiros que primeiro a projectaram tivessem estudado melhor o terreno, e attendido ao enorme volume de 213:429 metros cubicos, que foi necessario remover; o que junto aos 120:000 dos desabamentos, prefaz quasi 334:000 metros cubicos, que se tem até hoje extrahido do córte de Xabregas.

Parece que um tunel feito n'esta localidade seria obra talvez não mais dispendiosa, e de certo muito mais solida.

C.

FRANCISCO DE PAULA CARDOSO,

MORGADO D'ASSENTÍS.

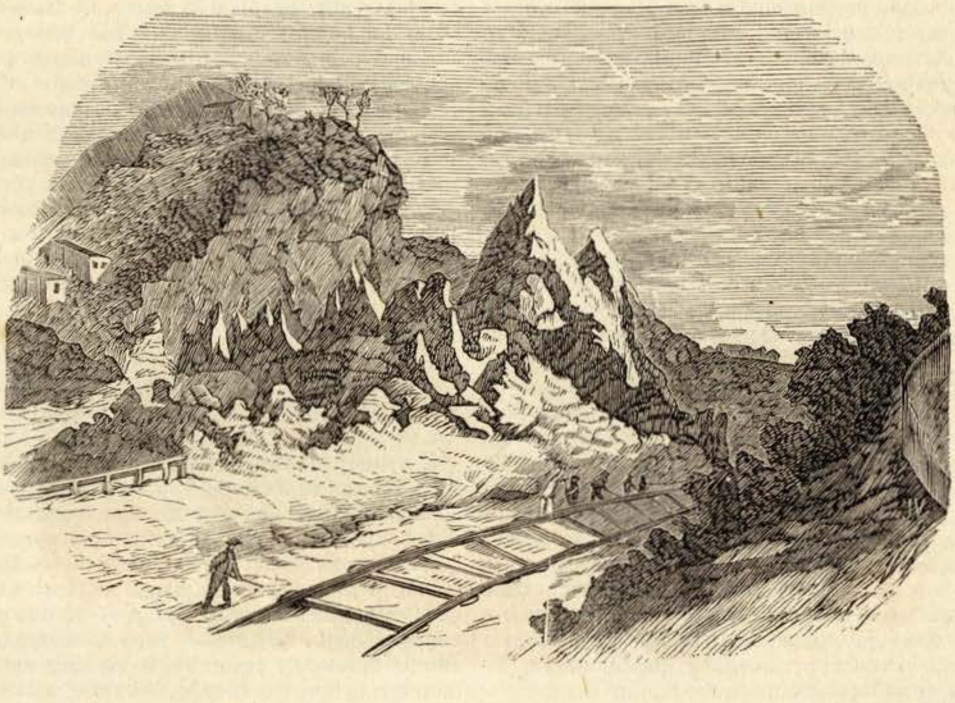
Não vae longe o dia em que onze compridos annos se volveram, depois que a campa do sepulchro se abriu para recolher os inanimados despojos do ancião respeitavel, a quem nos coube a fortuna de conversar de perto; a quem devemos na vida affeição e doutrina; e do qual conservaremos sempre pessoal e saudosa recordação.

Ignorâmos se de tantos amigos seus, que até hoje lhe hão sobrevivido, e entre os quaes podem enumerar-se as primeiras e mais illustradas capacidades da epocha presente, algum pagou ás suas cinzas o feudo que de justiça se lhes devia. Parece-nos que não. Ao menos não ha reminiscencia de que nas folhas periodicas do tempo apparecesse jámais o seu necrologio.

N'esta persuasão trataremos de resgatar como podérmos d'este inexplicavel e immerecido esquecimento as memorias do finado. Singelas, como a sua vida, serão as linhas que lhe dedicarmos. Saídas de penna tão pouco exercitada como a nossa, não podem ter de certo outra pretenção que não seja a de protestar publicamente contra o injusto descuido dos contemporaneos. Oxalá que ellas conseguissem despertar do seu adormecimento algum d'aquelles, a quem isto incumbia de mais perto. Assim conseguiriamos obstar a que nas sombras do futuro venha de todo a apagar-se a memoria de um cultor das musas, de um philologo insigne, de um homem

em fim, que poderia ter figurado por muito, e activamente, quer nas lides do mundo politico, quer na republica das letras, se os seus habitos socegados, a sua inalteravel modestia, e mais que tudo a sua indole essencialmente pacifica e preguiçosa, attestada por todos que o conheceram, o não desviassem para longe de tudo o que podia trazer comsigo cunho de obrigação, ou de trabalho forçado.

Francisco de Paula Cardoso de Almeida Vasconcellos Amaral e Gaula, fidalgo da casa de sua magestade, nasceu em Lisboa na freguezia de Santa Engracia a 2 de março de 1769, e foi baptisado na respectiva parochial, collocada a esse tempo, e ainda longos annos depois, na egreja do Paraiso. Foram seus progenitores Manoel Antonio de Almeida Vasconcellos Cardoso Amaral e Gaula, e D. Leonor Felicia Francisca de Paula Xavier da Costa, pessoas de qualificada nobreza, e que contavam em suas ascendencias uma serie numerosa de illustres antepassados. Porém Francisco de Paula não era homem que curasse de genealogias, ou quizesse fundar nos preconceitos do nascimento, e nos pergaminhos de seus avoengos, os titulos que deviam conciliar-lhe a veneração e estima publicas. Jámais se lhe divisaram, nem remotamente, pretenções ou caprichos aristocraticos. Simples e affavel no seu trato, lhano para com todos, e dotado em subido gráo da mais fina urbanidade e cortezia, os seus amigos e parentes foram sempre os homens de letras. Todo o que se annunciasse como tal podia apresentar-se perante elle, sem alguma outra recommendação, certo de que havia de ser bem vindo, e acolhido fraternalmente por



Desabamento das rampas do córte de Xabregas, visto do poente.

elle como um irmão querido, embora estivesse a seu respeito em consideração muito inferior nas graduações da escala social.

Por obito de um tio paterno, e ainda, segundo cremos, em edade percoce, Francisco de Paula achou-se investido na successão e posse do morgado de Assentis, que, compondo-se de muitas e rendosas propriedades, lhe assegurava no futuro, mediante uma administração regular e cuidadosa, os meios de viver, se não com grande opulencia ao menos abastadamente, e como convinha a um cavalheiro da sua hyerarchia.

Para dar comêço á sua educação litteraria o mandaram seus paes para o collegio real de nobres, que o marquez de Pombal creára poucos annos antes, e que então florecia sob a direcção e ensino de habeis e escolhidos mestres, alguns dos quaes deixaram por suas obras honrosa reputação nas letras. Bastará citar, entre outros, os nomes do incançavel Pedro José da Fonseca, professor de rhetorica; de Custodio José de Oliveira, professor do grego; e de Joaquim Carneiro da Silva, professor de desenho, o mais insigne talvez de todos os nossos artistas no genero de gravura a buril.

Ahi, pois, se matriculou o nosso Cardoso antes de completar oito annos de edade, em 29 de janeiro de 1777. A sua natural viveza e engenho se deram para logo a conhecer; e não tardou em distinguir-se entre os demais educandos, pelos progressos que fazia no estudo das disciplinas que se professavam no estabelecimento. A ellas se entregou com fervor e applicação taes, que lhe grangearam louvor e applauso dos mestres, e estimação e reverencia dos alumnos.

Concluido o seu curso com aproveitamento, saiu Francisco de Paula do collegio, em julho de 1785, segundo nos affirmam; e desejoso de tornar-se prestavel á sociedade, determinava seguir a carreira da magistratura. Com este intento passou algum tempo depois, á universidade de Coimbra, e se matriculou no primeiro anno da faculdade de direito civil, ou de leis, como então se nomeava, servindo-lhe de estudos preparatorios os que do collegio levára, conforme as disposições dos estatutos que regiam este estabelecimento. Tinha já a frequencia e approvação successiva dos tres primeiros annos juridicos, e entrára no quarto anno, quando se publicou a lei

da senhora D. Maria I, que impunha a todos os morgados e administradores de vinculos e capellas a obrigação de alistar-se *voluntariamente* no serviço do exercito, sob pena de ficarem privados de varias graças e privilegios, e sujeitos ao perdimento do quinto dos bens que administravam.

N'estas circumstancias era forçoso que o nosso futuro legista, posto que sem vocação para vida militar, interrompesse os estudos, e renunciasse desde logo ao seu projecto de formatura. Veiu, pois, para Lisboa, e preferindo assentar praça na arma de cavallaria escolheu, para esse fim o regimento chamado de Mecklembourgo, um dos que a esse tempo faziam a guarnição da corte. N'elle se alistou com effeito na classe de cadete aos 27 de março de 1793.

Na epocha em que o exercito portuguez não andava ainda empenhado nas tormentosas luctas e dissensões civis, o accesso aos postos militares era incomparavelmente mais difficil que nos modernos tempos. Não é portanto de admirar que no fim de dez annos de serviço sem nota, como se podia esperar do seu caracter brioso e sempre correspondente ao seu nascimento, Francisco de Paula se conservasse ainda cadete, sem ter sido contemplado n'alguma promoção. Findo aquelle periodo ou porque tivesse reconhecido em si uma negação decisiva para a vida das armas, ou porque se achasse desgostoso em razão da falta de adiantamento, ou talvez pelas preterições soffridas, o certo é que pediu e obteve escusa do serviço a qual lhe foi dada, crêmos que em 1803.

Já por este tempo, e ainda muito antes, no do seu tirocinio militar, Francisco de Paula travára conhecimento e relações de amizade com a maior parte dos individuos de diversos estados e classes que cultivavam as letras por amor, ou as professavam por obrigação. Enthusiasmado pela poesia, e cultivando-a elle proprio com ardor, convivia sobre tudo com os poetas, seus *confrades em Apollo*, que então abundavam na capital, contando-se entre elles muitos de merito incontestavel Respeitado e estimado de todos por seu caracter franco e imparcial, prestando soccorro e conselho aos que d'elle careciam, e fazendo não poucas vezes as funcções de juiz de paz e medianeiro nas discordias e rivalidades que os caprichos do amor proprio offendido ou a emulação suscitavam com frequencia entre muitos d'elles; era Bocage todavia o seu amigo perdilecto, aquelle a quem tomára por mestre e guia na carreira poetica.

Ligados ambos pelos vinculos da mais cordial amizade, depois que um casual e inopinado encontro os collocára uma vez face a face na egreja de S. Domingos, por occasião de assistirem á missa, estes dois homens, que se conheciam e avaliavam mutuamente, viveram durante alguns annos em união, que parecia imperturbavel. Veiu romper estes laços a morte prematura d'Elmano, que Assentis chorou como a de um bom irmão, guardando para com elle, no resto da vida, os mesmos sentimentos affectuosos, a mesma admiração que outr'ora lhe dedicára. Todos que o conhecemos nos lembramos do modo insinuante com que sempre nos fallava do pranteado amigo; a complacencia com que se prestava a narrar-nos a historia de suas intimidades; finalmente, o interesse e calor de que se inspirava, quando a proposito lhe occorriam algumas das muitas anecdotas, de que tinha a memoria tão bem provida, relativas áquelle periodo de convivencia, de que jámais deixava de recordar-se terna e saudosamente.

Cultivando as felizes disposições, que da natureza recebera com a lição assidua e bem digerida dos melhores livros antigos e modernos, escriptos nas diversas linguas que lhe eram familiares, Francisco de Paula adquirira abundantes conhecimentos em litteratura amena, e tinha para a poesia veia facil, excellente metrificação, e apurado gosto. É para lamentar que das numerosas composições lyricas da sua mocidade, e de muitas que ainda produziu em annos mais maduros, se perdesse irremediavelmente a quasi totalidade. A sua innata perguiça nunca lhe permittiu que tratasse de as colligir. Ficaram espalhadas por mãos dos seus amigos poetas, gente pelo commum pouco inclinada a guardar o proprio, e muito menos o alheio; e d'aqui resultou escaparem apenas algumas reliquias e escassos fragmentos, pelos quaes será difficil avaliar no futuro até onde chegava o seu merecimento n'este ramo.

A paixão, porém, que n'elle mais predominou em toda a sua vida, e que podemos dizer o acompanhara até a sepultura, era a do theatro. Assás instruido para sentir e lastimar o grão de abjecção em que jazia entre nós a arte dramatica, indignava-se do abatimento a que a via reduzida, e meditava sobre os meios de regeneral-a. Cria sinceramente na possibilidade da sua restauração, e daria tudo para que esta se realisasse. Mas as idéas do tempo e a eschola em que foram educados; não lhes permittiam a elle e a seus amigos que n'este desejo o acompanhavam, criados com o leite da Arcadia, e voltados depois para a litteratura franceza, cujo esplendor os deslumbrava, que acertassem na escolha do verdadeiro caminho para a reforma a que aspiravam. Isto passava-se nos ultimos annos do seculo XVIII, e elles estavam para si persuadidos de que teriam preenchido o seu fim logo que conseguissem transplantar para o theatro portuguez as tragedias de Racine e Voltaire, e as comedias de Lesage ou Beaumarchais: parecia-lhes que tanto bastava para darem á patria, na phrase do infeliz e chorado Garção.

A epocha feliz, e suspirada,
De lançar do theatro alheias musas,
De restaurar a scena portugueza.

É certo que se enganavam; mas podemos por ventura accusal-os com justiça, por não se elevarem além das idéas, que no seu tempo vogavam? Ainda não bruxuleava ao longe a luz do crepusculo, que devia preceder a aurora da regeneração. Os apostolos da futura reforma ou jaziam no berço envolvidos nas faixas infantis, ou deveriam ainda nascer muitos annos depois. Felizmente para o morgado, viveu elle bastante para testimunhar em seus dias o novo incremento que as cousas tomaram; e não foi por certo dos que menos concorreu para que a semente lançada á terra não perecesse por falta de agricultores. Mas não anticipemos os factos.

No empenho de regenerar o theatro portuguez do modo por que elle o comprehendia, Francisco de Paula achou por seus cooperadores concordes nas mesmas idéas, e attingindo o mesmo fim, José Caetano de Figueiredo, Joaquim Antonio Jeunot, José Frederico Ludovice, e José Pedro d'Azevedo Sousa da Camara, nomes todos lembrados nas letras, afóra outros menos conhecidos, que se lhes aggregáram. Por deliberação commum tomaram de arrendamento o theatro do Salitre, que pouco antes fôra construido; tornaram-se emprezarios, e cuidaram de organisar uma companhia de actores escolhidos, da qual elles proprios se arvoraram directores. Introduziram novo estilo de declamação, e conseguiram que os comicos abandonassem o antigo methodo hespanhol, a que estavam habituados. Regulou-se e adoptou-se a *mise en scena* (como agora dizem) ao uso francez; n'uma palavra, não se pouparam esforços e diligencia para melhorar a arte scenica em todas as suas ramificações.

Para este theatro foram traduzidos, e ahi se representaram pela primeira vez em Portugal, a Semiramis, a Alzira, Sophonisba, Orestes e Mariamne de Voltaire; a Ignez de Castro de Lamothe; o Cid e o

Cinna de Corneille; e muitas comedias de Molière, Regnard, e Destouches; finalmente as peças mais acreditadas do repertorio parisiense. Estes dramas vertidos com esmero, e bem desempenhados pelos comicos, eram applaudidos enthusiasticamente pelos espectadores, que alli affluiam em numerosa concurrencia, deixando o theatro da rua dos Condes entregue aos rotineiros, sectarios do gosto antigo, que n'elle se haviam acastellado.

Ainda não contente com isto, o morgado abriu a expensas suas, e na sua propria casa, uma especie de theatro-modelo, onde elle e seus amigos davam exemplos praticos do novo estilo de declamação. Muitos dramas, que depois subiam á scena no theatro publico, eram alli primeiramente ensaiados em representações particulares, não menos brilhantes que dispendiosas. A ellas assistiam como convidados muitos homens de letras, muitas pessoas distinctas da corte, e até os bons actores d'aquelle tempo, que fazendo d'estas representações um objecto d'estudo, não se pejavam de ir aprender de curiosos a instrucção que haviam mister para melhor desempenho da arte que professavam.

Para dar a conhecer até que ponto chegava a pericia de Francisco de Paula na execução das regras dramaticas, e o como a natureza o prendara com todas as partes proprias de um excellente actor, bastará referir a seguinte anecdota, que houvemos do fallecido José Maria da Costa e Silva, passada entre elle e o actor José Felix da Costa, o mais insigne tragico que até agora tivemos em Portugal (se é que não são exaggerados os louvores, que por concurso unanime temos ouvido tributar-lhe por todos os seus contemporaneos que o viram e trataram).

«Saindo juntos uma noite, (disse-nos Costa e Silva) depois de havermos assistido a uma recita, para que foramos convidados no theatro de Assentis, perguntei a José Felix o que julgava a respeito da representação do morgado? — Que hei de julgar? (me respondeu o actor já n'este tempo edoso, e encanecido no exercicio da arte) Que a Tragedia deitou ao mundo aquelle diabo, armado de capacete, tunica, e manto romano! Quantas vezes não tenho eu estudado para fazer algumas cousas, que lhe tenho visto executar com a maior naturalidade, sem que jámais conseguisse imital-o perfeitamente! Confesso-lhe, meu amigo, que desadoro ao pensar que a natureza tenha dado tal propensão e talento scenico a um curioso, que só d'elles faz uso para divertir-se, ao passo que nega uma e outra cousa a tantos pobres homens, que precisam de pizar as taboas do palco para terem que comer.»

Corriam placidamente os dias a Francisco de Paula, n'aquelle remanso tão appetecido dos homens de letras, longe dos cargos publicos, alheio a responsabilidades, e reunindo em volta de si um sequito numeroso de amigos, cuja convivencia se lhe tornára como que indispensavel. Mas em fim veiu a aperceber-se de que as enormes despezas que fizera com o theatro, e outras a que o levava o seu genio por extremo obsequioso e liberal, haviam produzido nos rendimentos da sua casa um desfalque mais que muito extaordinario; e que, a não cortar pelo superfluo, teria de achar-se em breve exhausto do necessario. As considerações, que não podia deixar suscitar-lhe este estado de cousas, accrescia o desgosto pela perda de alguns amigos mais intimos, que a morte fora despiedadamente riscando do numero dos vivos: e por ultimo sobreveiu a invasão franceza de 1807. A occupação do reino pelas tropas de Napoleão, e suas consequencias, mudando por alguns mezes a face dos negocios politicos e commerciaes do paiz, espalhou sobre todas as classes o desalento, tornando-se quasi universal o receio pela sorte futura de Portugal. Foi durante esta crise que o morgado tomou o partido de retirar-se de Lisboa, e de acolher-se a uma de suas fazendas, situada a distancia de algumas legoas. Ahi permaneceu tranquillo por bastantes annos, repartindo o tempo entre as lides agricolas, a lição dos seus livros, e os folguedos campestres: de modo que só apparecia na capital poucas vezes, e com longos intervallos, sendo as suas digressões de curtissima duração.

Finalmente, ou porque começasse a achar monotona a vida a que se entregára, ou porque negocios domesticos reclamassem a sua presença na corte, o facto é que, ao cabo de alguns annos se resolveu a assentar de novo a sua residencia em Lisboa, e para aqui se transportou com a familia a que se havia ligado. Não sabemos percisamente a epocha d'esta mudança, e só sim que pelos annos de 1826 ou 1827 tinha arrendado para sua habitação uma casa na rua nova da Alegria, a mesma onde recentemente esteve collocado o estabelecimento recreativo denominado *Jardim Chinez*. Excellente vivenda na verdade, e mui accommodada á indole e costumes de Francisco de Paula, pois que no centro da cidade dava arremedos de uma pequena casa de campo, sem apparencia externa, e propria a servir de retiro a um ermitão do Parnaso.

Foi alli que, em edade já madura, tivemos o gosto de pessoalmente o conhecer, vendo-o pela primeira vez. Havia na extremidade do jardim, e não sabemos se ainda lá existe, uma salinha de recreio, que Francisco de Paula baptisára com o nome de *Thebaida*. Sobre o portal que lhe servia d'entrada fizera elle assentar uma inscripção analoga, de composição propria, que, se a memoria nos não falha, era assim concebida:

Da antiga Thebaida os moradores
No puro amor de Deus só se empregaram;
Aqui sciencia amizade se exercitam,
Dons, que a bem dos mortaes do ceo baixaram.

Era n'este recinto, convenientemente decorado para o seu destino, que o morgado se comprazia em receber com proverbial affabilidade e franqueza, não só a pequena roda de amigos que ainda de antigos tempos lhe restavam, mas tambem alguns mancebos esperançosos, que por via de relações de familia já existentes, ou mediante a competente apresentação, se juntavam alli quasi todas as tardes.

Entre os que mais assiduamente frequentavam aquelle eremitorio das musas contavam-se, se bem nos lembrâmos, os senhores Castilhos, Herculano, padre Forjó, Leoni, e mais alguns, vivos ou fallecidos, cujos nomes agora nos não occorrem. A poesia, a musica, a leitura e a critica litteraria eram como assumpto exclusivo d'aquellas reuniões, a que Assentis presidia sem a menor formalidade ou etiqueta, discutindo com uns, doutrinando outros, e captivando a todos pelo condão do seu trato ameno e familiar, que sabia espalhar por tudo que o cercava alegria e regosijo.

(Continúa).

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

VIAGEM EM HESPANHA.

BARCELONA.

II.

(Continuação).

Em menos de tres horas vi matar oito touros pelos homens, e quinze cavallos pelos touros!

Estes espectaculos, taes como se presenceam em Hespanha, são inteiramente improprios do seculo em que vivemos, e indignos d'aquelle povo. Ainda empregam os cães de fila, as garrochas de fogo e outras barbaras usanças.

Não se comprehende que interesse, que prazer offereça ver matar animaes inoffensivos, nobres e tão uteis ao homem, como são os cavallos, sem lucta contra o touro que os ataca; e demais com o olho direito ridiculamente tapado com um lenço ordinario, e os ouvidos entupidos, para não verem nem sentirem a aproximação do seu terrivel inimigo

Vi n'aquella tarde, e depois em outras cidades de Hespanha, levarem á mão e aos empurrões aquelles pobres animaes para defronte do touro, que em seguida lhes rasgava o ventre, e com os intestinos de fóra, arrastando como cordas as tripas pelo chão, ainda assim eram cavalgados pelo picador, que continuava a esporial-os cruelmente. A scenas tão repugnantes o *respeitavel publico* dava estrondosos applausos e palmas. Tomado de invensivel repugnancia perguntei aos que estavam a meu lado, porque se applaudia espectaculo tão hediondo? Disseram-me que era pelo perigo que affrontava o picador montando um cavallo prestes a caír morto, e diante d'um touro embravecido.

Póde haver interesse e emoção em ver matar um touro com uma boa estocada de Cúchares ou de Sanz. É a coragem e a pericia affrontando um grande perigo, e vencendo a força bruta. Comprehende-se o prazer de contemplar um combate de animaes ferozes. Mas ver estripar cavallos que se não defendem, por touros que não correm n'isso risco algum, é, quanto a mim, o gosto mais depravado e aviltante que se póde imaginar, e que custará a acreditar ás gerações futuras, quando tenha passado esta deploravel paixão; como hoje custa a acreditar a barbara satisfação que tinha o povo romano nas luctas dos gladiadores, e em ver dilacerar seres humanos pelas feras.

Se as corridas de touros são toleraveis, é, a meu ver, á maneira portugueza; ainda que os perigos a que se expõem os homens de forcado e os negros, as tornam mui brutaes, e n'isto os hespanhoes nos censuram, e com razão, quando lhes exprobramos as matanças de cavallos.

As ceremonias e cortezias com que começam as nossas corridas, o garbo e a arte de equitação com que os cavalleiros toúream, dão aos nossos espectaculos mais graça e menos rudeza do que em Hespanha, onde nada d'isso se vê.

Comtudo é geralmente reconhecido que convem acabar com taes diversões, e que embora sejam uma paixão popular na Peninsula, pouco a pouco se póde ir modificando até á extincção.

Os dois governos peninsulares podiam para isto adoptar alguns arbitrios, taes como: um forte imposto sobre as emprezas, que, elevando assim o custo do divertimento, lhes difficultaria a concurrencia; prohibir os novilhos ou touros para os curiosos, que servem de escholas populares de toureiros, e excitam o gosto da plebe; impedir a entrada de creanças; diminuir successivamente o numero dos bois de morte; fazer embolar os bois destinados aos picadores, etc.

Mesmo na Hespanha vae diminuindo sensivelmente a mania dos touros, principalmente entre o bello sexo, e pennas distinctas tem escripto contra este vestigio da barbaria da edade media, que tão profundas raizes lançou no solo hispano. Entre outras censuras basta lembrar a pungente satyra *Pan y toros*, do celebre D. Melchior Gaspar de Jovellanos.

Entre a cidadella e Barceloneta está a estação dos caminhos de ferro de Barcelona a Mataró, o primeiro que se construiu na Peninsula. Começou-se em outubro de 1847, e d'ahi a um anno, a 28 de outubro de 1848, foi aberto ao transito publico na extensão de mais de cinco legoas. Hoje ha mais tres linhas ferreas em começo de exploração; a do norte para Granollers; a do centro para Molins de Rei; e a de Saragoça, que deverá entroncar no caminho para Madrid.

Poucos caminhos haverá d'esta especie que offereçam aspecto tão pittoresco como o de Mataró. Se o viajante dirige a vista para o lado de terra parece que percorre uma immensa povoação, cortada por amenos vergeis, no fundo dos ques se reproduzem successivamente variados quadros campestres. Se volve olhos para o mar, póde formar-se a illusão de que rompe as ondas do mediterraneo n'um magnifico vapor, sem os inconvenientes da navegação.

Foi o primeiro ferro-carril em que andei, experimentando as deliciosas impressões d'este modo de viajar, e observando em tão pequeno espaço quasi todas as obras d'arte que fazem parte d'estas construcções; como pontes, viaductos, e até um *tunel* de 500 pés de extensão, no qual por alguns momentos se perde totalmente a luz do dia.

Nas officinas de Barcelona já se construem locomotivas, que com mui bom exito funccionam nos caminhos de ferro.

No ponto em que começa o caminho de ferro, lhe corre parallelo o passeio ou alamêda que conduz ao cemiterio, onde á entrada está um guarda-portão, todo vestido de negro e com seu talabarte e bastão. Parecia um espectro de guarda á mansão dos mortos.

Os cadaveres são collocados em desvãos, sobrepostos em cinco e seis ordens, formando umas como casarias em longas ruas que se cruzam, e produzem effeito mais lugubre do que o aspecto dos nossos cemiterios.

No centro dos grandes quadrados ou quarteirões ha arvoredos, jardins e monumentos funebres, parecendo occultos e mysteriosos passeios de finados

Era no fim da tarde quando visitei o cemiterio. A hora, o som melancholico das ondas do Mediterraneo, que se desenrolavam na proxima praia, e o aspecto para mim diverso e aterrador d'este logar de descanço eterno, tudo me produziu profunda impressão de tristeza, que só se desvaneceu ao regressar á cidade no meio do bulicio e animação que no sitio da Rambla se observa nas primeiras horas da noite.

(Continúa).

C.

LEIS DO ZOROASTRO.

Invoca o touro celeste, pae do homem e da planta.

A obra mais meritoria é lavrar bem o campo.

Roga com pureza de pensamento, de palavra e de acção.

Ensina o bem e o mal a teu filho na edade de cinco annos.

Que a lei fira o ingrato.

Que morra o filho que a seu pae desobedecer tres vezes.

A lei declara impura a mulher que passa a segundo hymeneu.

Fere o falsario.

Despreza o mentiroso.

No fim e no principio do anno observa dez dias de festa.

N. S.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 4 P.